

# GRIMM RELEITURAS

Adormecida desde o Império, a princesa Talia custa a se habituar aos novos tempos republicanos. Já Cinderela largou a carruagem e agora participa dos protestos pela melhoria do transporte público. Os saltimbancos de Bremen foram parar em Liverpool, e a avó de Chapeuzinho, exímia dançarina, tornou-se íntima do Caçador.

Aqui estão apenas alguns exemplos de célebres histórias dos irmãos Grimm recriadas por dezoito duplas de escritores e ilustradores neste volume de homenagem aos mestres de Hanau. Nos planos textual e imagético, as recriações demonstram não só a permanência do “legado Grimm”, mas sua plasticidade, seu poder de gerar novas leituras, prova da infinita capacidade de reinventar, no contexto contemporâneo, aquilo que se passou “era uma vez”.

GRIMM RELEITURAS

# G

RELEITURAS

# PR

# M

- Ana Paula Pacheco
- André de Leones
- Andréa del Fuego
- Bruno Zeni
- Cadão Volpato
- Índigo
- João Filho
- Julián Fuks
- Leusa Araujo
- Luisa Geisler
- Luiz Bras
- Marcos Bagno
- Noemi Jaffe
- Paloma Vidal
- Paulo Scott
- Priscila Figueiredo
- Ricardo Lisias
- Veronica Stigger
- Alexandre Wagner
- Ana Prata
- Apo Fousek
- Davi Calil
- Ebbios
- Eduardo Ver
- Juliana Bollini
- Kako
- Lese Pierre
- Magenta King
- Manu Maltez
- Miguel Bezerra
- Nestor Jr.
- Pedro Hamdan
- Rafael Antón
- Rodrigo Cunha
- Shiko
- Weberson Santiago



1 4 5 1 5 3

ISBN 978-85-418-0315-1



9 788541 803151

© dos autores e ilustradores, 2014

**Coordenação editorial** Graziela R. S. Costa Pinto

**Edição e preparação** Fabio Weintraub

**Assistência editorial** Belisa Monteiro e Monica Felicio da Rocha

**Revisão** Marcia Menin e Carla Mello Moreira

**Projeto gráfico** Kiko Farkas e Marina Oruê / Máquina Estúdio

**Diagramação** Roman Atamanczuk / Máquina Estúdio

**Edição de arte** Leonardo Carvalho e Laura Daviña

**Produção industrial** Alexander Maeda

**Impressão** Completar

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Grimm: releituras / organização Cláudia Ribeiro Mesquita,  
Fabio Weintraub, Graziela R. S. Costa Pinto – São Paulo :  
Edições SM, 2014.

Vários autores  
Vários ilustradores  
ISBN 978-85-418-0315-1

1. Contos – Literatura infantojuvenil  
I. Mesquita, Cláudia Ribeiro. II. Weintraub, Fabio.  
III. Pinto, Graziela R. S. Costa.

14-07286

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura infantojuvenil 028.5

2. Contos: Literatura juvenil 028.5

1ª edição agosto de 2014

Todos os direitos reservados a

**Edições SM**

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55  
Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil  
Tel. (11) 2111-7400  
www.edicoessm.com.br



**Organização**

Cláudia Ribeiro Mesquita

Fabio Weintraub

Graziela R. S. Costa Pinto



**GRI**  
**MI**  
**RELEITURAS**

G

R

T

M

M

M

M

R

G

VERONICA STIGGER ALEXANDRE WAGNER

ANDRÉ DE LEONES ANA PRATA

MARCOS BAGNO MIGUEL BEZERRA

ANA PAULA PACHECO SHIKO

LUIZ BRAS KAKO

PAULO SCOTT DAVI CALIL

BRUNO ZENI RAFAEL ANTÓN

PRISCILA FIGUEIREDO RODRIGO CUNHA

JULIÁN FUKS EBBIOS

LEUSA ARAUJO MANU MALTEZ

EDUARDO VER JOÃO FILHO

APO FOUSEK PALOMA VIDAL

PEDRO HAMDAN CADÃO VOLPATO

JULIANA BOLLINI LUISA GEISLER

LESE PIERRE ANDRÉA DEL FUEGO

NESTOR JR. NOEMI JAFFE

MAGENTA KING ÍNDIGO

WEBERSON SANTIAGO RICARDO LÍSIAS

G

R

T

M

M

M

T

R

G

9 O LEGADO GRIMM

15 O ANÃO

25 ANIMAIZINHOS

33 ESPERTA BERTA

41 UMA HISTÓRIA CABELUDA

53 HUMANA, DEMASIADO HUMANA

71 ILUMINAR

83 JOÃO, UM VOSSO CRIADO

99 UM JOGO

111 MELANCOLIA DO ALFAIATE

121 MIGUEL, O ENFORCADO E A REVOLUÇÃO AZUL

A MORTE É MADRASTA 137

PELE DE BICHO 153

A PRINCESA ATRIZ 161

O PRÍNCIPE E A CATRACA 173

QUEM TEM PENA DO LOBO MAU? 183

O REI, A FALSA INFIEL, A PRINCESA E O FOGÃO 193

A SEGUNDA VEZ 205

TEATRO 217

LINHA DO TEMPO 229

AUTORES E ILUSTRADORES 238

Este livro foi concebido por ocasião do bicentenário dos *Contos maravilhosos da infância e do lar*, de Jacob e Wilhelm Grimm, publicado em 1812. Do conjunto de narrativas populares coletadas pelos célebres filólogos, lexicógrafos e historiadores alemães, escolhemos dezoito contos maravilhosos que serviram de estímulo para “releituras” feitas por dezoito duplas de escritores e ilustradores brasileiros. A ideia por trás do projeto era evidenciar tanto a permanência do “legado Grimm”, que entrou definitivamente para o cânone da literatura infantojuvenil, como sua plasticidade, seu poder de gerar novas interpretações.

Na seleção dos textos-fonte, buscamos levar em conta a variedade temática e a mistura entre histórias mais célebres (“Branca de Neve”, “A Bela Adormecida”, “João e Maria”, “Rapunzel” etc.) e outras menos conhecidas do público geral (“Madrinha morte”, “O pescador e sua mulher”, “Os três fios de cabelo do diabo”, “A história do jovem que saiu em busca do medo” etc.).

Convidamos ficcionistas contemporâneos (Andréa Del Fuego, Paloma Vidal, Paulo Scott, Ricardo Lísias, Veronica Stigger...), alguns dos quais sem atuação anterior no campo da literatura infantojuvenil, e outros mais voltados para esse segmento (Índigo, Leusa Araujo, Luiz Bras, Marcos Bagno...). E reunimos ilustradores dedicados a diferentes técnicas – pintura (Ana Prata e Rodrigo Cunha), gravura (Eduardo Ver), desenho (Manu Maltez), aquarela (Nestor Jr.), colagem (Juliana Bollini), ilustração digital (Ebbios, Apo Fousek) –, igualmente incumbidos de reelaborar, por meio de imagens, as histórias dos mestres alemães.

Desde o início, quisemos garantir a autonomia entre palavra e imagem no trabalho de recriação, assumindo a convergência em relação ao ponto de partida, mas não necessariamente ao de chegada. Assim, nem sempre texto e ilustração “conversam” ao longo do livro, pois ambos são esforços independentes de reação a um mesmo estímulo. Uma cena ou personagem eventualmente explorada pelo ilustrador

## O LEGADO GRIM

FABIO WEINTRAUB

pode ter sido desprezada pelo ficcionista, e vice-versa. Interessa justamente a distância entre essas “releituras”, que, atestando a riqueza do “legado Grimm”, carregam inevitavelmente a marca singular de cada artista.

Ainda no que diz respeito às condições de trabalho, os parâmetros para recriação foram bastante abertos, sem exigência de modernização nem de paródia ou fidelidade estrita aos textos-fonte. Nos recontos, porém, houve expressiva quantidade de alusões a problemas “atuais” – como narcotráfico (em “Animaizinhos”, de André de Leones), especulação imobiliária (em “Uma história cabeluda”, de Ana Paula Pacheco, e “Teatro”, de Ricardo Lísias), criminalidade (em “Quem tem pena do Lobo Mau?”, de Andréa Del Fuego), maus tratos à infância (em “Pele de bicho”, de Paloma Vidal), luta pela melhoria do transporte público e das condições urbanas (em “O príncipe e a catraca”, de Luisa Geisler) – e de referências geográficas e culturais ao contexto brasileiro (a Bahia e os ritos de origem africana, em “A morte é madrasta”, de João Filho), ao lado de textos sem localização espaço-temporal definida, ou que remetem a um passado mais recuado (como “João, um vosso criado”, de Bruno Zeni, e “Miguel, o enforcado e a Revolução Azul”, de Leusa Araujo).

## GRIMM: PERMANÊNCIA E TRANSFORMAÇÕES

Há também convergências temáticas entre as escolhas de certos autores. A ideia da ciência como substituto da magia, por exemplo, aparece em “Humana, demasiado humana”, de Luiz Bras, e “A segunda vez”, de Índigo, contos em que a fotografia atrai a atenção das protagonistas, pelo resquício de encanto associado à “nova” técnica. O desencontro entre tempos (a nostalgia da nobreza pelo Império, no período republicano) aproxima também “A segunda vez” e “A princesa atriz”, de Cadão Volpato. Referências ao teatro podem ser encontradas

nos contos de Priscila Figueiredo (“Um jogo”) e, novamente, Ricardo Lísias e Cadão Volpato. A sexualidade é outro ponto de diálogo entre os contos de Paloma Vidal e Veronica Stigger, o primeiro num enquadramento mais traumático (o problema do incesto, já presente em “O bicho peludo”, dos irmãos Grimm), o segundo em chave cômica, com leve toque perverso.

Além disso, no que concerne ao gênero textual, há experiências que saem das fronteiras do conto em direção à poesia e ao teatro, como a narrativa de Marcos Bagno (“Esperta Berta”), em versos alexandrinos sem estrofes, com aparência de prosa, e a peça de Priscila Figueiredo (“Um jogo”), cuja releitura pode ainda ser aproximada dos contos de Noemi Jaffe e Paulo Scott, por causa do viés metalinguístico e alegórico.

As narrativas de cunho realista predominam. Escapam desse registro, porém, o expressionismo de Julián Fuks, em “Melancolia do alfaiate”, e a releitura meio delirante e surrealista, com embaralhamento de tempos e fios narrativos, empreendida em “Iluminar” pelo já citado Paulo Scott.

Paralelamente, nas ilustrações, sobressai o figurativismo, com inclinação ao caricatural, no trabalho de Miguel Bezerra e Davi Calil, o diálogo com o cordel, na xilogravura de Eduardo Ver, um ar meio retrô, entre o *kitsch* e o horror, na aquarela de Nestor Jr., um quê de

## FORMAÇÕES

surrealismo na composição de Kako e certa inclinação para o abstrato, na pintura de Ana Prata e no desenho de Manu Maltez.

Comparadas às recriações textuais, as imagens apresentam-se mais coladas ao enredo dos Grimm: a maioria retrata a personagem-título em momentos-chave da ação narrativa (o envenenamento de Branca de Neve, o triunfo do alfaiate sobre os gigantes, o encontro com os corvos proféticos, em “João, o fiel”) ou em situações reveladoras de sua índole (como o gesto súplice do pescador na tela de Rodrigo Cunha). As mudanças contextuais produzidas nas ilustrações foram mais sutis (apostando, às vezes, em detalhes de caracterização, como as

coxas expostas de Chapeuzinho Vermelho, nos braços de um lobo de mãos humanas) e menos frequentes – o que não implica menor grau de invenção, considerando quanto há de mediação interpretativa na própria passagem do plano discursivo ao plástico.

Esses são apenas alguns exemplos que estão longe de esgotar a pluralidade de caminhos explorados nestas releituras dos irmãos Grimm.

Um último ponto a observar liga-se ao caráter relativamente adulto de boa parte das narrativas deste livro, que supõem um leitor mais malicioso e independente, contraposto à suposta inocência dos leitores-mirins que, com o passar do tempo, foram se tornando o público cativo dos irmãos Grimm.

Vale lembrar que o livro de Jacob e Wilhelm fazia parte de um projeto de luta pela unificação alemã que retirava da cultura popular a força imaginativa para a burguesia em ascensão – projeto, aliás, muito exitoso, considerando que a antologia de contos foi o segundo livro alemão de maior sucesso por mais de um século, perdendo apenas para a Bíblia. Entretanto, por trás desse sucesso, houve também censura às contradições e supostas impropriedades daquela “cultura popular”, seja na passagem do relato oral para a forma escrita, seja em função do sucesso crescente da obra entre o público infantil.

Como explica a escritora inglesa Angela Carter, suprimir ou amenizar expressões “pesadas” (alusões sexuais, escatológicas, piadas sujas e toda sorte de grosseria) era um hábito frequente no século XIX, parte da tentativa “de transformar o divertimento universal dos pobres no refinado passatempo da burguesia, especialmente das crianças burguesas”.<sup>1</sup> Na mesma direção, o tradutor e crítico Marcus Mazzari refere-se ao teor mais “cru e drástico” das narrativas reunidas na primeira edição de *Contos maravilhosos da infância e do lar*,

---

1 CARTER, Angela. *A menina do capuz vermelho e outras histórias de dar medo*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011, p. 17.

progressivamente atenuado nas edições subsequentes da obra (o livro teve dezessete edições ao longo da vida dos Grimm)<sup>2</sup>.

Assim, a despeito da enorme distância temporal que nos separa dos textos-fonte, algo de sua crueza perdura em boa parte das releituras oferecidas a seguir, fruto talvez da aposta em uma literatura não tolhida pelos ditames do politicamente correto, que, em muitos casos, continua a encabrestar a imaginação dos jovens leitores no tempo presente.

---

2 MAZZARI, Marcus. O bicentenário de um clássico: poesia do maravilhoso em versão original. In: GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. *Contos maravilhosos infantis e domésticos*. Tomo 1 (1812). São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 19.





**RUMPELSTILTSKIN**

**RELIDO POR VERONICA STIGGER**

**ILUSTRADO POR ALEXANDRE WAGNER**

**O A**

## O ANÃO

**O ANÃO ESTAVA NA MESA DA JANELA, AO LADO DA PORTA DO RESTAURANTE, SENTADO NUMA CADEIRA ALTA, NORMALMENTE RESERVADA ÀS CRIANÇAS. COM AS PERNINHAS BALANÇANDO NO AR E O BRACINHO CURTO E TRUNCADO APOIADO NO PARAPEITO, OBSERVAVA, DISTRAÍDO, O MOVIMENTO DA RUA. TINHA O ROSTO REDONDO, DE TRAÇOS INFANTIS. NÃO FOSSE O BIGODINHO FINO E COMPRIDO, QUE ELE FAZIA QUESTÃO DE ENROLAR NAS PONTAS, DANDO UM AR ANTIQUADO À SUA APARÊNCIA, PODERIA PASSAR POR UM GAROTO – MAS UM GAROTO QUE QUISESSE PARECER MAIS VELHO. USAVA O CABELO ESCURO PENTEADO PARA TRÁS, COM AUXÍLIO DE GOMALINA, E SE VESTIA COMO UM FIDALGO: CALÇA, CAMISA E COLETE DE CETIM. NOS PÉS, PEQUENOS E DELICADOS, EXIBIA SAPATOS DE VERNIZ VERMELHOS, NOS QUAIS NÃO SE PERCEBIA UM ÚNICO VESTÍGIO DE SUJEIRA, NEM MESMO PÓ OU GRÃO DE AREIA. NO PESCOÇO, UM COLAR DE OURO COM PINGENTE DE CORAÇÃO (POR DEMAIS FEMININO) SE SOBREPUNHA AO COLETE, INDO ATÉ O UMBIGO. UM ANEL COM UMA IMENSA ESMERALDA ENFEITAVA O DEDO MÉDIO DA MÃO ESQUERDA, A MESMA QUE, NAQUELE EXATO MOMENTO, SE ACHAVA PARA O LADO DE FORA DA JANELA.**

# ANÃO

Ela, por sua vez, vinha pela rua movimentada trazendo uma mala enorme, xadrez, com rodinhas. Usava um véu todo trabalhado com fios de ouro, que lhe cobria o rosto e boa parte do vestido longo verde-água. Por conta disso, o anão não a reconheceu. Levou um susto quando aquela figura alta, de rosto coberto, se aproximou e lhe falou ao ouvido:

– Você se incomodaria de nos sentarmos numa mesa mais ao fundo?

Mas seu perfume (de jasmim) e sua voz (de locutora de rádio) eram inconfundíveis. O anão pulou da cadeira alta, inclinou o tronco ligeiramente para a frente e fez uma mesura com a mão direita. Ela revirou os olhos, estalou a língua no céu da boca em sinal de impaciência e se dirigiu para a mesa mais afastada da janela, num canto escuro do restaurante. Chegando lá, tirou o véu, revelando um rosto de menina. Se os passantes a tivessem visto sob seu disfarce, não lhe dariam muito mais que dezoito anos. Ela era linda. Como todas as princesas, tinha os cabelos encaracolados, os olhos cor de mel e a pele negra.

O anão, coitado, esforçava-se para erguer a cadeira alta a fim de levá-la até a mesa escolhida pela moça. Mas não conseguia. Toda vez que a levantava, se desequilibrava e logo tinha de colocá-la novamente no chão. Como não queria parecer um fracote, repetiu o gesto inúmeras vezes, mas sempre sem sucesso. A moça, percebendo sua dificuldade, foi até lá e, para suprema humilhação dele, pegou a cadeira e a acomodou na mesa ao fundo. O anão, cabisbaixo, seguiu atrás dela e escalou a cadeira, onde se sentou. Depois de um longo suspiro, recuperou o ar altivo.

– Trouxe o bebê? – perguntou ele, sem rodeios.

– Não! – respondeu ela, num rompante, com voz assustada. – Não.

O bebê, não.

– Então, o que você veio fazer aqui?

– Vim lhe pedir mais tempo.

– Já lhe dei.

– Mais três dias.  
– Não posso.  
– Por favor.  
– Seu prazo acabou. Não insista.  
– Por favor.  
– Já disse. Não insista. Quero o bebê.  
– Por favor – implorou ela, erguendo-se e ajoelhando-se ao lado das longas pernas da cadeira alta do anão –, eu lhe peço, deixe-me ficar com o bebê.  
O anão chegou a abrir a boca para retrucar, mas ela o interrompeu:  
– Eu trouxe minhas joias.  
Ela se levantou do chão e pegou a mala grande que carregava consigo. Arrastou-a até diante do anão e abriu-a. Havia lá uma profusão de joias: brincos, anéis, colares, pulseiras, broches, camafeus, pingentes, presilhas para o cabelo, botões, abotoaduras, tiaras e até a coroa e o solitário de diamante usados por ela no casamento. Algumas eram cravejadas de pedras preciosas, como esmeralda (de que o pai dela tanto gostava), rubi, safira e ametista. Outras eram de ouro maciço, do mais alto quilate. O anão, sem sair da cadeira alta, espichou o pescoço para frente e espiou para dentro da mala, sem demonstrar qualquer interesse. Depois, encarou a moça e disse, resoluto:  
– Não quero suas joias. Quero o bebê.  
– Não! – replicou ela, com horror. – O bebê, não. O que você vai fazer com ele?  
– Não vem ao caso. O que importa é que você me prometeu seu primeiro filho.  
– Ouça. Posso lhe dar tudo o que você quiser, mas me deixe ficar com o bebê.  
– Não – reiterou o anão. – Quero o bebê e ponto final.  
– Posso lhe dar uma biblioteca só de clássicos, como você sempre quis, uma geladeira nova, um pomar de macieiras, um vinhedo, aquele cortador de grama com o qual você sempre sonhou, um carro espor-

tivo, daqueles bem velozes, moças bonitas para lhe fazer companhia, uma casa na praia, uma viagem de volta ao mundo. Você não queria conhecer o Rio de Janeiro? Esta é a sua chance.

– Não me interessa mais conhecer o Rio de Janeiro.  
– Posso providenciar um cozinheiro que lhe prepare, todos os dias, por toda a sua vida, a lasanha à bolonhesa que você ama. O que você acha? Hein? Não é uma boa troca? – perguntou ela, acrescentando depois de uma breve pausa, em que o anão nada falou: – Ou posso lhe dar uma conta bancária. Uma conta bancária é o que todo mundo quer! Você não tem conta bancária, tem?  
– Não quero seu dinheiro.  
– Posso lhe dar meu reino.  
– Não quero seu reino. Quero o bebê! Nós combinamos o bebê! – exclamou o anão, perdendo a paciência.  
– Não posso lhe dar o bebê – ela choramingou. – Ele é a única coisa que eu verdadeiramente tenho.  
– Mas eu a salvei.  
Ela baixou a cabeça e ficou olhando para seus sapatos de cristal. O anão continuou:  
– Tudo o que você tem deve a mim. Fui eu que a ajudei quando você mais precisava. Era eu quem estava a seu lado. Só eu. Não fosse por mim, você seria empalada, assada e, depois, cortada em pedacinhos, como um porco. Lembra?  
Ela, com os olhos baixos e fungando, fez que sim com a cabeça.  
– Você não tinha nada para me dar em pagamento e, mesmo assim, eu a ajudei.  
– Mas agora posso lhe dar tudo o que você quiser – repetiu ela, levantando a cabeça, com voz de choro. – Deixe-me ficar com meu bebê.  
– Um ser vivo é mais precioso do que todas as riquezas do mundo. Eu quero o bebê.  
Ela não respondeu de imediato. Apoiou os cotovelos na mesa e inclinou o tronco para frente, aproximando-se do anão.

– Você é a única pessoa que me chama de “você” – disse-lhe ela por fim, em tom de acusação.

O anão a fitou, quieto. Não sabia o que falar. Ficou parado, examinando-a e pensando por um longo tempo antes de abrir novamente a boca:

– Se me chamar pelo meu nome, meu nome de verdade, aquele que nunca revelei a quem quer que seja, deixo você ir. E prometo nunca mais aparecer diante de seus olhos. Juro. Pode confiar. Nunca me aproximarei do bebê. Mudarei de cidade, quiçá de continente. Sumirei do mapa. Pode acreditar.

Ela se encostou novamente no espaldar da cadeira e cruzou os braços. Olhava o anão com desconfiança. O anão, por sua vez, tamborilava os dedinhos na mesa, esperando. Subitamente, ela se levantou e se agachou ao lado da mala. Ajeitou as joias lá dentro, fechou-a e colocou-a de pé, ao lado de sua cadeira. Em seguida, voltou a se sentar e a encarar o anão. Este curvou o corpo em direção a ela e disse:

– Ou, então, case-se comigo.

Ela o olhou bem nos olhos e não respondeu. O anão esticou o braquinho direito e tocou de leve na mão dela antes de repetir:

– Case-se comigo.

– Não posso. Já sou casada.

O anão debruçou-se sobre a mesa e envolveu a mão dela entre as suas. Ela não ofereceu qualquer resistência.

– Então fuja comigo.

Ela recolheu a mão de repente e a escondeu debaixo da mesa, sem dizer palavra. Empertigou-se na cadeira e ficou olhando para ele, meio de lado.

– Viveríamos de quê? – indagou ela, de súbito.

– Podemos vender suas joias. Valem uma pequena fortuna.

– Mas, um dia, essa pequena fortuna acabaria e não teríamos mais nada.

– Então veríamos o que fazer.

– Não se esqueça de que não sou mais a pobre filha de um moleiro.

– Para mim, você nunca deixará de ser o que sempre foi...

Ela não gostou nem um pouco do último comentário do anão, mesmo sem saber dizer por que ele a irritara. Seu rosto se contraiu e ela virou de lado na cadeira, ficando de costas para a porta e de frente para uma parede escura enfeitada com pratos de cerâmica pintados com motivos florais. O anão a observava atentamente. Conhecia bem aquela postura. Ela era birrenta, mas tinha bom coração. Finalmente, ele completou a frase que iniciara:

– Uma princesa.

Ela virou-se levemente para olhá-lo, com um quase sorriso no rosto.

– Tome – disse ele, tirando o colar que trazia no pescoço. – É seu.

Ela se voltou totalmente para ele e hesitou alguns segundos antes de pegar a joia que ele lhe oferecia.

– Tem certeza? – perguntou ela.

O anão assentiu com a cabeça e fez um gesto com a mão para que ela pusesse o colar. Ela o colocou no pescoço e beijou o pingente. Cogitou agradecer, mas preferiu ficar calada, de cabeça baixa, pensando. O anão, que não gostava de vê-la assim, ensimesmada, perguntou-lhe de supetão:

– Você sabe o que dizem dos anões, não sabe?

– Não – respondeu ela, levantando a cabeça e franzindo a testa. – O quê?

O anão se calou. Apenas a encarou, em silêncio. Um garçom, surgido não se sabe de onde naquele restaurante até então vazio e irreal como um cenário de cinema, aproximou-se deles com um bloquinho na mão para anotar os pedidos. O anão queria apenas suco de uva e ela, um café duplo e forte, sem açúcar. O garçom sumiu de suas vistas como havia aparecido: sem fazer barulho, como se seu corpo não tivesse peso e seus pés não tocassem o chão. Os dois ficaram novamente a sós. Foi então que ela olhou o anão e declamou, para ele, estes versinhos:

*Ai que destino, o meu, mais descabido!  
Vendida pelo pai a um mau marido...  
E, agora, qual será meu triste fim?  
Ficar? Ou fugir com Rumpelstiltskin?*

– Você sabe meu nome?! – perguntou o anão, verdadeiramente espantado. – Meu nome secreto!

– Sempre soube – disse ela, sorrindo pela primeira vez em anos.

Agora, foi o anão quem franziu a testa.

– Por que então você não disse antes? Poderia ir embora com a certeza de que eu não a importunaria mais. Você estaria livre.

– Livre? Estaria mesmo livre?

Ela se levantou e parou ao lado da cadeira alta do anão. Estendeu-lhe a mão direita e lhe disse:

– Vamos fugir?

O rosto do anão se iluminou, como se tudo o que tivesse feito na vida até então só se justificasse com a chegada daquele momento.

– E o bebê? – quis saber ele.

– Passamos para pegá-lo.

O anão ficou sem ação. Ela o segurou no colo e o depositou sobre a mala.

– Aquele seu último verso... A acentuação estava errada... – comentou ele, que se considerava, acima de tudo, um poeta, dedicando-se a fazer, nas horas vagas, sonetos de amor perfeitamente metrificados, todos votados a ela.

– E daí? – disse ela, sorrindo de novo.

Sem parar mais de sorrir, ela se pôs a andar, empurrando a mala com o anão em cima. Os dois saíram do restaurante, esquecendo que haviam pedido um suco e um café, tomaram a rua, misturando-se à multidão que, àquela hora da tarde, voltava para casa, dobraram a esquina, seguiram pela avenida principal e foram, na medida do possível, felizes para sempre.